

A Fraternidade

DEFENSOR DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Trimensario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARAES *ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Série de 18 n.ºs isentos de cobrança
postal 500 rs.
Brasil (moeda forte), série de 18 n.ºs 1\$200 »REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.ºOfficina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicao
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Anuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade, nem se restituem
os authographos, quer ou não
sejam publicados.

UM CASO QUE VEM DE LONGE

Em tempo fizemos n'este jornal umas referencias vagas ao livro do sr. Trindade Coelho, «O Manual politico do cidadão portuguez». N'esse precioso e utilissimo livro refere-se o seu auctor ao movimento operado n'estes ultimos tempos nas classes trabalhadoras e bem assim ao progresso realizado pelas ideias modernas, hoje perfilhadas pela quasi totalidade da grande população assalariada.

Não faziamos tenção de referir-nos de novo á alludida obra se n'ella não notassemos uma omissão que, estando plenamente justificada, não deixa, comtudo, de atrahir os nossos olhares e maguar o nosso orgulho de caixeiros. E' o caso que no citado livro, o seu auctor em nada allude á nossa imprensa ou ás nossas collectividades. Transcreve varios trechos pertencentes a artigos insertos em jornaes operarios, para corroborar e justificar affirmações suas, e cita o proceder de diversas aggremações, que se tem evidenciado nas luctas associativas.

E' provavel que o sr. Trindade Coelho não desconhecisse a existencia de associações de caixeiros; é certo, podemos affirmar-o, que o illustre escriptor tambem não ignorava que a nossa classe era representada na imprensa pelo semanario «O Caixeiro Portuguez». Era este o unico jornal de caixeiros que conhecia, disse-o a um nosso companheiro da redacção, o talentoso educador. E' manifesto que o sr. Trindade Coelho não notou na nossa imprensa e nas collectividades de caixeiros, meios de acção ou procederes de tão clara utilidade collectiva que merecessem a honra de serem registados. Ora, s. ex.º teve

razão em não indicar essas associações e essa imprensa, pois ellas quasi não dão signal de vida. Emquanto as aggremações e jornaes operarios procuram demonstrar a sua vitalidade e orientação sensata, a sua energia e o seu entusiasmo pela sua causa, nós nada fazemos, abtemo-nos de concorrer a reuniões publicas, comícios, e outros meios de propaganda perfeitamente aproveitaveis. O mal não é novo, é incontestavel; mas por o mal não ser novo não é isso motivo para cruzarmos os braços e deixal-o correr livremente o caminho que ainda se conserva limpo, isento de miasmas nocivos.

A União dos Empregados no Commercio, do Porto, com o seu proceder actual, póde servir como argumento de controversia á ideia do presente artigo. Está bem: admittamos essa contestação como argumento sensato. Que vale isso? Não apoiando e secundando com interesse o proceder da União, do Porto, ella só, isolada, não extingue completamente o mal. E' necessario que a nossa imprensa a auxilie incondicionalmente, facultando-lhe e facilitando-lhe pretextos para tornar conhecidos todos os projectos, por ella concebidos, que directamente nos interessam. Pela nossa parte iremos realisando, de vagar, o programma que superficialmente desenvolvemos no artigo «O caminho futuro» e isso será sufficiente para satisfação da nossa consciencia e para merecer o applauso dos nossos leitores, da classe e d'aquelles que imparcialmente seguem o movimento evolutivo da imprensa caixeiral.

A's empresas editoras

Participamos ás empresas editoras do paiz, que «A Fraternidade» publicará em annuncio e dará nota das impressões da leitura, das obras litterarias de que lhe seja enviado um exemplar.

A «FRATERNIDADE» NO PORTO

O sr. Dr. Carlos Lopes falou já duas vezes em publico desde que apresentou o seu projecto; a primeira, foi na benemerita sociedade *A Voz do Operario* e a segunda, na associação de classe dos nossos collegas da Capital. Em ambas se manifestou um grande amigo das classes trabalhadoras, chegando até a referir-se á regulamentação do trabalho, causa justissima que terá sem duvida no sr. Dr. Carlos Lopes mais um devotado paladino e ardente defensor que em seu beneficio póde facilmente chamar a attenção das Camaras e do governo, estudando o assumpto e apresentando tambem um projecto de lei tendente á regularisação das horas de trabalho das diferentes classes salarizadas.

Se o sr. Dr. Carlos Lopes enveredar por este caminho será então realmente um verdadeiro amigo das classes opprimidas e crédor da sua profunda gratidão. Depois que Bernardino Machado e Augusto Fuschini estiveram no governo, ninguem mais se lembrou dos escravos do salario; desde que estes dois homens sahiram só lá tem estado, com raras excepções, aventureiros, tão maus como estupidos, que desfizeram com os seus erros e crimes o prestigio e valor das instituições monarchicas, o que me é indifferente, mas que atrasaram e prejudicaram tambem o engrandecimento e progresso da nação. Portanto, encontrando-se no poder (como consequencia da acção republicana e das patifarias dos seus antecessores) o sr. João Franco, estadista honesto e actualmente convertido ao liberalismo, é de crêr que o sr. Dr. Carlos Lopes encontre apoio para um projecto de regularisação do trabalho como encontrou para o do descanso semanal, porque um é a consequencia do outro se sinceramente se deseja melhorar a situação das classes trabalhadoras que são as que mais contribuem para a prosperidade do paiz.

Creio bem que esta lei mais tarde ou mais cedo será tambem adoptada, porque não prejudica nem os interesses do commercio nem os da industria e será em breve fortemente reclamada pelos caixeiros e pelos operarios.

O trabalho regulamentado é uma necessidade, é tambem uma medida urgente; e tendo o Estado por missão defender os fracos, deve intervir na exploração do homem pelo ho-

mem protegendo o pobre contra as exigencias e abusos dos ricos.

Que o exemplo de Bernardino Machado e Augusto Fuschini, protegendo os trabalhadores, fructifique, é o meu ardente desejo. e o sr. João Franco e dr. Carlos Lopes faltam ao seu dever se não seguirem tão generosas tradições.

—No proximo domingo realisam-se as eleições, na União dos Empregados do Commercio.

Estão indigitados varios collegas nossos cheios de vontade e dedicação para hastear em alto o estandarte das nossas reivindicações.

Sejam sempre unidos e bem orientados e contem com o concurso desinteressado d'este obscuro soldado.

17—11—1906.

Baptista Junior.

«Quem primeiro vem...»

Para confirmar o adagio — quem primeiro vem primeiro moe — diz o collaborador da «Luz do Commercio», no n.º 239 do mesmo semanario, sr. Antonio de Mesquita, «que uma das primeiras medidas a discutir no Parlamento», deve ser «o projecto de lei do descanso obrigatorio da classe dos empregados de commercio.»

E assim deveria ser. Mas os factos, os inquestionaveis factos de sempre, apresentam bem a controversia do annexim que o collega cita. Demais, os representantes do povo, no parlamento, não querem saber de adagios, nem mesmo as commissões de pareceres das casas do parlamento portuguez dão importancia a cousas velhas, como são os aforismos.

Mais a seguir, o mesmo chronista do *Como eu penso*, diz:

«Se os Senhores Deputados, durante toda a actual assembleia parlamentar, não votarem a nossa lei, dão-nos o direito para dizer claramente e sem tibiezas, que não foram humanos, que são verdugos e que não possuem coração e sangue de raça portugueza; e tanto mais que, «quem não sente o mal alheio, — não sente o seu.»

Ora, ora! Pois o presado chronista ainda acredita em Humanidade e ainda falla em sangue da raça portugueza?! «Humanidade» e «sangue de portuguez», são hoje figuras bonitas da litteratura! Falle antes no... «personificado na Republica» — que a Republica é hoje o idolo da gente nova—apesar que uns e outros, só divergem em palavras! Mas ainda assim...

Associação de classe dos caixeiros de Lisboa

Abertura das aulas—Sessão imponente—Os discursos—Notas

Foi devéras imponente, a sessão solemne que a Associação de classe dos caixeiros de Lisboa realizou no dia 11 do corrente, para inaugurar a abertura das aulas.

Com este facto immensamente nos regosijamos; regosijo que se explica pelo agrado que sempre manifestamos em face d'estes casos, em que a classe dos caixeiros mostra avançar mais um passo no caminho da Instrução.

Associando-nos á festa e dirigindo á classe de Lisboa a nossa felicitação e o nosso apoio, damos aos nossos leitores uma larga resenha do acto a que nos reportamos, transcripta do nosso presado confrade «O Caixeiro», por até á hora a que escrevemos não termos recebido do nosso representante na capital, o collega Luiz Pereira, a carta noticiosa d'aquella sympathica festa:

A SESSÃO SOLEMNE

Eram 9 horas e meia da noite quando se iniciou a sessão, presidida interinamente pelo nosso collega

Julio Silva

tendo por secretarios os collegas Luiz Pereira e Antonio Bento Rodrigues.

Constituida assim a meza, o collega presidente declara, ao abrir a sessão, que o momento lhe torna difficil a missão que tem de desempenhar.

Na vida do caixeiro portuguez aquelle momento é o primeiro em que uma abertura de aulas dá o verdadeiro cunho de solemnidade.

Assim se memorisa que o empregado de commercio, dentro da associação, procura nas horas vagas instruir-se.

Assim pensando, o seu primeiro dever consistia em dar aos seus camaradas os mais fortes incitamentos para que procurassem guindar-se pelo seu esforço, pela sua dedicação ao trabalho e ao estudo, pela instrução enfim, ao lugar que de direito lhes pertencia na sociedade; e, de todo o seu coração, fazia ardentes votos para que o resultado d'aquella obra, assim solemnemente iniciada, correspondesse, quando não pudesse ultrapassar, á toda a sua expectativa.

O momento é, como disse, solemne, e porisso como também por devermos prestar homenagem a um cavalheiro crêdor de todas as nossas sympathias, pelo muito que em prol da classe tem feito e por tudo quanto além d'isso ainda deseja fazer, vae dar-lhe a presidencia. Convida pois o sr. Carlos Lopes a presidir a esta sessão.

A numerosa assistencia irrompe n'uma estrondosa manifestação de vivas e palmas, assumindo, visivelmente impressionado, a presidencia, o sr.

Dr. Carlos Lopes

Disse que acabava de receber a honra de ser convidado para presidir a uma reunião tão selecta, motivo por que se orgulhava.

Não obstante julgar que era honra demasiada, aquella com que acabavam de distingui-lo, não podia negar-se acceitar o cargo para que fóra proposto e aclamado, não com receio de que a sua palavra pudesse trahir as suas intenções, mas porque a sua recusa podia ser mal interpretada.

Em Portugal, diz o orador, ha uma coisa que tem sido manifestamente desprezada—é a instrução popular. E todavia é ella que dá a felicidade e a riqueza aos povos.

A instrução, aliada com a edu-

cação, só tem em vista aperfeiçoar o cérebro e o character.

Seguidamente dirige-se, com palavras de elogio e agradecimento, a Julio Silva, á direcção e á assembleia.

Modernamente—continúa o orador—a instrução está sendo ministrada praticamente em todos os paizes e nós, para a executarmos com bom exito, devemos imitar os povos germanicos!

E' o que esta classe quer fazer, pois se propõe ministrar o ensino pratico. Na Alemanha e na Inglaterra os filhos, desde que podem ir para a escola, são, por assim dizer, abandonados pela familia. Ficam a cargo exclusivo do professor, que os habilita praticamente com carinho.

O ensino deve fazer-se sem livros.

Os livros são a intelligencia e a sabedoria do professor.

Em Portugal não se tem seguido esta regra.

Presentemente começa a tentar-se este esforço, mas á falta de material elle tem, infelizmente, dado muito poucos resultados, porque a falta d'este é supprida com um excesso de carga para a memoria.

Esta classe, que tão bem procura frizar os seus direitos, devem parar convenientemente o espirito, para proceder em todos es seus actos publicos ou particulares com plena consciencia.

O nosso commercio, mesmo nas principaes localidades, não prima, infelizmente, na sua generalidade, por uma sufficiente instrução; e d'isto é sómente culpado elle proprio.

No nosso paiz ha um natural horror pelo trabalho manual.

Póde dizer-se que só o estudo das sciencias medicas é bem acompanhado na pratica e que, e por esse motivo, só os medicos fogem a esta regra.

Vê-se por ahí, por exemplo, um engenheiro, como os inglezes, ao serviço da Companhia Carris de Ferro. Elle guia um carro, concerta um cabo, etc., como qualquer operario.

Um engenheiro portuguez nem sequer sóbe uma escada para dar qualquer indicação a um operario: indica-lhe de longe o que é preciso fazer, com a ponta da bengala e com algumas palavras de technica pesada e indigesta para o operario.

E durante bastante tempo, com exemplos frisantes, salienta a differença existente entre o nosso ensino theorico e o ensino pratico dos estrangeiros, mostrando como um alumno, com o curso lyceal na Inglaterra ou na Alemanha, ao completar o seu curso, está apto para fazer applicação dos conhecimentos adquiridos, enquanto que os alumnos dos nossos lyceus, muitas vezes, nem da lingua materna sabem fazer um uso toleravel.

Refere-se em seguida á lei do descanso semanal, á qual não pretendia alludir alli; mas fazia-o porque tinha sido chamado a terreno por Julio Silva, quando na abertura da sessão se referiu ao seu projecto de lei.

Entende que, desde que seja approved, como espera, o seu projecto, a classe dos caixeiros não deve estacionar.

Outras coisas mais tem de reclamar, como a determinação das horas de trabalho, a taxaçãõ minima do ordenado, a regulamentação do trabalho dos menores, etc.

O illustre deputado, ao terminar o seu bello discurso, foi vivamente applaudido e concedeu a palavra ao sr.

Faustino da Fonseca

que começa por atacar fortemente o governo, dizendo que, pretendendo elle caçar no mesmo terreno dos republicanos, mal parecia que quizesse usurpar a estes o direito de iniciativa do descanso semanal e que procuram empolgar

as associações com pretendidos favores, quando é certo que n'este assumpto—apenas se satisfaz um direito.

Elle, orador, tem defendido sempre nos concícios, nas associações e na imprensa o descanso semanal; mas entende que o projecto de lei do sr. dr. Carlos Lopes, a quem fez merecidos elogios, pelo seu trabalho, deveria ser feito pelos interessados.

Estes, porém, em globo, são incapazes de proceder convenientemente; portanto, o exemplo tem de partir de cima.

Assim o entendeu o actual governo, vindo ao encontro das justas reclamações do povo, evitando com este processo, inquestionavelmente, e só por isso, digno de louvor, quaesquer consequencias lamentaveis.

Em Portugal ha realmente um desprezo profundo pelo trabalho manual, e, mercê d'isso, um grave mal de que enfermam as varias classes.

Tem tambem a opinião das horas de trabalho e a proposito do descanso semanal, teme que elle, mesmo depois de approved o projecto, não passe de um mytho.

Na Inglaterra o caso é tão rigorosamente executado, que aos sabbados os operarios só trabalham meio dia, recebendo todo o salario por inteiro.

Na França, quando se legislou o descanso dominical, muitos patrões, despeitados, declaravam que não concederiam aos seus empregados o ordenado relativo ao dia de descanso, sendo preciso legislar-se no sentido de obrigar os patrões ao pagamento.

Cita a seguir o que alli se faz para facilitar ou tornar praticaveis, de facto, as determinações da lei respectiva. Mas assim mesmo até que ponto chega o beneficio da lei, quando o patrão tem a faculdade de despedir o empregado sempre que quer?

E' por isso que alli se vae estabelecer tambem a lei de contracto colectivo para os trabalhadores e patrões, de modo que com ella, quando depois de uma greve os patrões querem exercer vingança sobre este ou aquelle operario, despedindo-o, não o possam fazer.

Barrros de Queiroz

E' negociante, foi caixeiro, é amigo intimo do sr. dr. Carlos Lopes, a cujas qualidades de character presta a maior homenagem, e diz que o descanso semanal é util e necessario sob qualquer aspecto que se queira considerar.

Sobretudo augmenta a produção e não prejudica o patrão.

Mas, na persuasão de que o descanso semanal seja em breve um facto, declara que a classe dos caixeiros tem ainda outros problemas para resolver, como a questão dos salarios, das horas de trabalho e do trabalho dos menores.

Por ultimo incita os caixeiros a instruirem-se, para honra o brilho da sua classe e de todo o commercio.

João José da Costa

Representa n'aquelle momento a Associação Commercial de Lojistas de Lisboa e sente vivo prazer em usar da palavra n'aquelle instante. Camunica que por sua iniciativa, se deve realizar brevemente nas salas da associação que representa uma sessão especial para tratar da questão dos marcanos. Em sua opinião o descanso deveria partir dos patrões e declará ser de uma necessidade incontestavel a regulamentação das horas de trabalho.

Referindo-se ainda aos marcanos traceja a largos traços a sua parca alimentação em desproporção com o seu trabalho. Como patrão contribue tanto quanto possível para minorar as agruras do balcão aos seus empregados, e, no desejo de que elles se instruissem matriculou os seus marcanos na Escola 31 de Janeiro e aos seus empregados convidou-os a matri-

cularem-se no Atheneu Commercial.

Por fim faz um appello ás senhoras presentes para que mandem os seus filhos ás escolas.

Leite Ribeiro

E' recebido, como os oradores antecedentes, com palmas, e começa por manifestar a sua immensa satisfação pelo brilhantismo da sessão. Faz um coloroso elogio ao sr. dr. Carlos Lopes, que falou como um academico e disertou como um homem de sciencia.

N'aquelle momento compara-se aos veteranos que longe de tempos idos lembram as suas proezas em prol da liberdade; assim elle recorda, quando novo, combateu ao lado dos vultos de Rosa Araújo, Gil Carneiro, e muitos outros, em defeza das regalias dos empregados do commercio e ainda hoje, entre uma assembleia quasi na sua totalidade de homens na pujança da vida, parece contar 25 annos, tal é a fé e o enthusiasmo que lhe anima a sua alma.

Sá Pereira

Inicia a sua oração cumprimentando o sr. dr. Carlos Lopes e declara que, como sempre, está ao lado dos seus collegas de balcão. Lamenta, no entanto, que elles não tenham a educação necessaria para comprehenderem os seus deveres de homens na sociedade, e assim não tem opinião propria, tendo sempre a registar trações de uns e miserias d'outros. Apesar do seu apoio aos caixeiros, não esquece a classe operaria, cuja organização politica e economica lhe merece no actual momento a sua attenção, e para a qual trabalha com denodo e convicção. Refere-se á reforma da lei eleitoral que o actual governo pretende levar ao parlamento e faz varias referencias á marcha economica e moral dos governos da monarchia.

Francisco Florindo

Agradece á presidencia o ter-lhe concedido a palavra, porém o seu estado de saude inibe-o, n'aquelle momento, de usar d'ella, fazendo votos pelos progressos da collectividade que tão brilhantemente inaugura as suas aulas.

Joaquim Domingues

Será breve nas suas considerações e iniciando o seu pequeno mas bem burilado discurso, começa por lembrar a injusticia dos governos para com o mavioso poeta João de Deus, cujo methodo de ensino foi rejeitado pelos grandes d'esta nação, que não tiveram, no entanto, pejo de, hypocritamente, prestarem homenagem ao grande poeta em vida e que depois de morto o atiraram para os Jeronymos, onde jaz olvidado sem uma sepultura condigna. Lembra os nomes de Pires Barreira e Casimiro Freire, dois continuadores da grandiosa obra do auctor da «Cartilha Maternal».

Refere-se a Theophilo Braga e á percentagem assustadora de analphabetos no nosso paiz.

Termina exclamando que o caixeiro será forte quando aggreiado e será invencivel quando instruido.

Luiz Pereira

Declara representar o nosso collega «A Fraternidade», em nome de quem felicita a associação onde se encontram. Aconselha os collegas presentes a que se instruaem, e se succede muitas vezes não termos conhecimentos mais uteis é porque não queremos.

Refere-se á exploração feita com os marcanos e lamenta que a nossa educação associativa e a nossa illustração nos colloquem n'uma situação pouco invejavel, e tanto assim que não temos um collega que n'um dado momento nos possa representar nos congressos estrangeiros da nossa classe.

Julio Silva

Usa novamente da palavra, obrigado pelo dever do seu cargo dentro da associação, como presidente da comissão administrativa, e é em nome d'ella que vae agradecer. Refere-se a cada orador de per si, elogiando, de cada um d'elles, as suas palavras e dedicação por esta collectividade que, parece, vae surgir grandiosa, pois que o início das festas não podia ser mais brilhante.

Terminada a lista dos oradores, usa da palavra o snr.

Dr. Carlos Lopes

Vae encerrar a sessão; antes porém, deseja que fique bem gravado no espirito de todos o indelevel reconhecimento que leva d'aquella sessão, não podendo olvidar a fôrma carinhosa como foi acolhido, para a qual não encontra palavras que possam synthetisar toda a impressão que lhe deixou o acto realisado.

Affirma que a lei será um facto e elle, orador, se empenha em pugnar por todos os meios junto do governo, onde tem amigos, e na camara dos deputados, para que essa mesma lei seja approvada o mais depressa possivel. Allude tambem ao excesso de trabalho dos empregados no commercio, que elle, como medico e hygienista, condemna.

Refere-se ainda ao collega Sá Pereira, a quem presta a sua homenagem e declara que no parlamento tratará da lei eleitoral e que não terá duvida em vir a seu lado um collega operario ou empregado no commercio. É justo que todas as classes tenham legítimos representantes n'aquella casa.

Termina renovando as affirmações do seu reconhecimento a todos os presentes, e encerra a sessão.

Resou na sala uma prolongada salva de palmas, de mistura com vivas ao sr. dr. Carlos Lopes, união dos caixeiros, etc.

E assim terminou esta bella festa, que deixou gratas impressões pelo seu brilhantismo, devendo, sem duvida, ser o principio do resurgimento para a nossa classe.

NOTAS

Durante os intervallos, um grupo de executantes da Tuna Commercial de Lisboa executou primorosamente varios trechos de musica, que foram coroados, com justiça, de fartos applausos.

Da imprensa periodica achavam-se representados os seguintes jornaes: *Diario de Noticias, Lucta, Vanguarda e Seculo.*

Por motivos diversos, não puderam tomar parte na sessão os ex.^{mos} srs. drs. Alfredo da Cunha e Affonso Costa e Augusto Cesar dos Santos.

Da imprensa da classe estavam representados: *A Fraternidade*, pelo collega Luiz Pereira, seu correspondente n'esta cidade, e o nosso semanario pelos collegas Sá Pereira e Julio Martins, que representavam respectivamente a redacção e administração.

A kermesse não abriu, devido á hora adiantada a que terminou a sessão.

Ficou esse acto para se realisar hoje, devendo ser abrilhantado *Sextetto Verdi.*

Ao commercio local

Corroborando as considerações que fizemos a proposito da estada, em Barcellos, de um vendedor ambulante, com um largo sortido de lanificios, o nosso prestimoso collega local, *Fatha da Manhã*, lembrou, e muito bem, a constituição definitiva da Associação Commercial, para por ella se cuidar da defesa dos interesses do commercio local.

A constituição definitiva da Associação Commercial, só pôde, porém, fazer-se, desde que todos os interessados comprehendam a grande vantagem e a muita necessidade de se unirem, de se

defenderem os seus interesses, os interesses da nossa terra e os interesses do commercio.

Porque uma classe que se une e que a dentro de uma Associação faz erguer as suas reclamações, é um exercito que avança, seguro da victoria.

E se em Barcellos ainda hoje não temos, definitivamente constituida, a Associação Commercial, essa lamentavel falta deve-se áquelles que, não olhando á defesa futura dos seus interesses, despresam os esforços que alguns dos seus collegas teem empregado para levantarem alto o bom nome da classe commercial de Barcellos, que é bem digna de ter uma Associação sua e de ter opinião predominante em certos assumptos de interesse local.

Que sirvam as nossas palavras de incitamento a todos os que queiram ver a sua classe prosperar.

Que todos os negociantes se compenbrem da enorme vantagem que ha na constituição da Associação Commercial, perfilhando a ideia—*unamo nos para sermos fortes—e associemo-nos, para sermos ouvidos na defesa dos nossos interesses*—e que dentro de pouco tempo vejamos constituida a Associação Commercial, para honra e gloria dos que, como os snrs. Francisco Carmona, Domingos de Figueiredo, Joaquim Araujo e João Cruz, teem trabalhado para a fundação d'ella, é o nosso desejo mais ardente e mais sincero, porque queremos ver—Progresso, só Progresso!

Ruidos do Lima

Quem ha que se não sinta fascinado, attrahido, extasiado por um sorriso leve de uma mulher formosa?

—Ninguem!...

Vamos ao theatro, sentamo nos muito vagarosamente como para exprimir o dom natural de uma pessoa honesta, e, com aquella curiosidade, propria de espiritos juvenis, corações apaixonados, volvemos a vista em roda, fixamol-a por momentos no decote de uma bella dama, sentindo-nos verdadeiramente extasiados por aquelles rostos sympaticos, maravilhosos, bruxoantes, até que os nossos olhos vão pousar nos de uma pucella, indubitavelmente a mais formosa de todas.

Attrahidos pelos seus enlevos, pela sua pulchritude e pela distincção dos seus sorrisos encantadores, procuramos d'ella um meigo olhar... um terno carinho e... obtemol-o.

O nosso coração sente-se emballado ao colhêr d'aquella dama taes demonstrações!

Vemos approximar-se o momento de lhe fallarmos, de lhe dizermos duas palavras amorosas, de lhe revelarmos o terrivel segredo que nos domina, de lhe expressarmos miuciosamente tudo que o nosso coração occulta, e, fogenos a occasião, o tempo, as forças, sentindo-nos alquebrados por o peso d'aquella ideia associarem, para, todos unidos, que precisavamos expandir

para alimentar um coração apaixonado!...

Cada sorriso, cada olhar, cada carinho, é uma auréola de felicidades, uma vertente de luminosas esperanças em nosso atrophiado espirito.

Oh! as mulheres... as mulheres...

Um sorriso de uma mulher leva-nos a uma masmorra... a uma penitenciaria!...

E' ella a causa de muitos crimes e entre elles os mais usuaes são: o pugilato, o assassinato, o envenenamento, a estrangulação, e muitos outros que não posso enumerar.

Mas... a mulher... é-nos indispensavel!

Diz Byron que o coração da mulher é uma parcella dos céus; mas tambem, tal como o firmamento, muda de noite e de dia. E' diz Alves Mendes:

«A mulher é na vida o que a flor é no campo e o aroma na flor; o oasis no deserto e a frescura no oasis; o desenho na pintura e o colorido no decote; o trinado na musica e a melodia no suspiro; o balsamo na ferida e a suavidade no balsamo; a lagrima no combate e a poesia na lagrima; a esmola na indigencia e a modestia na esmola; é a luz branda da estrellas e o calor intensissimo do sol; o meigo sorriso da aurora e a lava candente do vulcão; é a deusa da consciencia humana e a musa do humano soffrimento; é a fé e a esperanza em toda a parte; é o milagre dos milagres: O amor.»

A mulher é axiomáticamente a mais bella preciosidade do mundo.

E, já que o assumpto assim o permite, vou-lhes narrar um facto: Hoje, quando abriamos o estabelecimento ainda o dia mal despontava, viamos aqui, alli, álem, grupos de *sopeiras*, que com as cestas enfiadas nos braços, discutiam valentemente, mas d'um modo caçoante. Umas riam-se, outras com carinha de piedade, emfim, um pagode.

Como aquelles *zums-zums* se tornassem ensurdecedores e as *tricaninhas da villa* cresciam de cada vez mais, abeiramo-nos de um grupo e ouvimos:

—Mas quem serão elles? Eu ainda tinha vontade de os conhecer; que ratões!

—Mas tu a dar-te, ella que gosta, deixal-a — dizia outra.

—Mas que vergonha... ui Jesus! s'eu fazia semelhante cousa?! Obrigarem-na a tirar a camisa para a examina-rem...

Como o caso parecia importante, procurei saber a sua origem e foi então que me disseram: hontem, seriam dez horas da noite, chegavam ao hotel Marcos dois hospedes; uma menina, bonita já se vê, feições miudas e muito risonha, contava apenas dezeseis annos; e um mancebo que conhecemos perfeitamente; já foi até nosso collega, mas um conquistador de *mulo cheta!*

Recolhidos que foram aos seus aposentos ali passaram uma parte da sua *lua de mel*; mas com tanta infelicidade,

que os foram surprehender, batendo-lhes á porta do quarto seriam duas da manhã, uma senhora, um sujeito e o chefe da policia de Vianna.

Ora calculem os leitores o que depois se passou! A senhora era a mamã da tal *pisquena* que... *coitada!*... O sujeito um tio da mesma.

Depois de intimados a saírem do seu ninho nupcial, não hesitaram, mas tambem para que lhes diga, não haviam de gostar muito da partida... A's quatro horas e meia é que os pombiuhos se acabaram de bicar, pois foi quando appareceram aos inquietos visitantes.

Ora, então é que foram ellas; a donzella:—não vou, este é que ha-de ser o meu marido, não vou mamã, emfim, o que os leitores já podem ver.

Com bastante custo conseguiram approximal-a do carro que a esperava para a conduzir outra vez á casa paterna; mas, ao entrar disse-lhe o já possuidor da sua *rica moeda*:—Olympia!... Olympia... então vaes... —Oh! não vou! não te deixo... não vou, já disse... —E ella, n'um laivo de desespero, procurava fugir das mãos dos que a prendiam.

Depois de muitas promessas conseguiram socegal-a e então partiu.

Elle, o conquistador, foi mais tarde, junto com um personagem que representava a auctoridade d'aqui.

O que depois se passou não sabemos.

O que sabemos dizer é que as mulheres... são o diabo!...

Ponte do Lima.

Magalhães Junior.

Factos e ideias

Descanso semanal

Os jornaes do Porto, do ultimo sabbado, noticiaram, em telegramma de Lisboa, que tendo reunido a comissão de legislação civil, concluiu os seus trabalhos d'estudo ao projecto de lei do sr. dr. Carlos Lopes, estabelecendo o descanso semanal obrigatorio.

Já não foi sem tempo!

Reivindicação

Dissemos, no numero passado d'esta folha, fallando das reivindicações da classe dos caixeiros, que esta classe não deve reunir no problema — descanso — o programma das suas reivindicações; que ha outras cousas que muito lhe devem interessar, como seja os salarios minimos, tribunaes d'arbitros, bolsa do trabalho, evitar a concorrencia dos marçanos engravatados, etc.

Pois o illustre deputado, sr. dr. Carlos Lopes, falando no domingo, 11 do corrente, na Associação dos caixeiros de Lisboa, disse, tambem:

«Entende que, desde que seja approvedo, como espera, o seu projecto de lei (o do descanso semanal) a classe dos caixeiros não deve estacionar.

Outras cousas mais tem de reclamar, como a determinação das horas de trabalho, a taxa-ção minima do ordenado, a regulamentação do trabalho dos menores, etc.» Jotta.

Aldegallega, 15 de Novembro

Os jornaes da classe e o calote

Julgavamos nós que só *O Caixaero* tinha installada na sua séde a honrosa galeria dos caloteiros, mas infelizmente enganamo-nos, porque com elle rivalizam... outros confrades; tal é honroso o... mister... para que aspire rival...!

Mister lhe chamamos nós, porque não é só aquelle que trabalha para ganhar os meios de subsistencia honradamente, que tem mister; tambem o caloteiro tem, que é... o calotismo!, e esse exerce-o o mais das vezes, ou quasi sempre, com maior e incedível energia e intransigencia, para melhor honrar o seu character!...

Vejâmos, pois o que está succedendo actualmente. Ainda ha pouco era *O Caixaero* queixando-se d'aquelles perigosos parasitas, e hoje é *A Fraternidade*.

Não sabemos pois onde esses individuos sem brio, sem criterio, sem dignidade, tencionam quedar, com o seu vil procedimento. Crêmos e é provavel, segundo a sua triste desorientação, que vão parar com as suas normas inequitas ao cumulo... da miseria...

Oxalá, no entanto, que nos enganemos, mas crêmos, e assim é, porque os flagellos não encontram limites, e o mal corre vertiginosamente, movido—quantas vezes! pela dominação da ignorancia... intellectual.

E' com tristeza que escrevemos, mas o nosso espirito exaspera-se de uma maneira desimaginavel, quando se nos deparam factos imperdoaveis d'esta natureza, e que se continuarem, de certo a perda total do prestigio da classe será irrefragavel. E' pois urgente que se ponha cobro a este estado de coisas.

Esqueçam-se por alguns momentos a ganancia, a filancia que os domina e venham cumprir o seu dever. E' urgente — repetimos — que se acabe de vez com este mal estar, para assim de futuro encontrarmos tempo menos proceloso do que o passado e presente, para melhor podermos entrar em lucta pelos nossos direitos.

Demonstrae, senhores caloteiros, á evidencia o vosso arrependimento e pagae a bagatella de 500 réis: não fazeis favor, porque o deveis. Se o não fizerdes é porque além de tudo sois egoistas e assassinos: egoistas, porque deixaes de pagar a assignatura d'um jornal que vos defende, e assassinos porque pretendes assassinar com a arma da insensibilidade e desprezo quem por vós tanto se sacrifica.

Depois de tudo isto, permittam-me que lhes diga tambem, que as respectivas administrações dos jornaes teem dado uma parcella de culpa para que estes abusos do calotismo se dêem, constantes e descaradamente.

Porque se ellas estabelecessem uma galeria onde photo-

graphassem em grandes caracteres os nomes dos *proselytos do calote*, de certo a colheita de futuro seria menos fertil. Isto não é falar por querer falar, é simplesmente uma trasladação de sentimento. Acabem, pois, os collegas de bom senso com tanto atticismo para com aquelles que desejam desprestigiar a classe. Para vilão, vilão e meio! E temos dito.

Ernello Junior.

Charadas & enigmas

1 Charadas

Ao novato «Nico I.»

Como amigo avisar venho
Que tenha tento na bola,
Porque certo mariola
Em te roubar empenho.

Hontem vi no Colyseu
Uma dama mui formosa,
Aceitar toda vaidosa
Uma flôr que alguém lhe deu—2

Perguntando eu quem seria
Aquella dama tão bella,
Disseram-me: E' a Maria
Mulher de Jorge Portella—2

Tem, pois, cuidado amiguinho
Não a deixes mal guardada
Nem usar *sata tufada*,
Se não queres ser coitadinho.

Tanjasno.

2 Ao valente e inabalavel «Tanjasno»

«Tanjasno» velho amigo
Não sendo da tua igualha—1
Em charadas sou bem fraco
Não me comparo contigo.

Tirando uma da cythara—1
Faz parte da decifração
Mais do methodo tirarás
Dando-me satisfação.

O conceito caro Alberto
E' bem facil de achar
Pois é vaso para oleo
Não tens muito a matutar.

Nico I.

3 Auxiliar

† ta = Letra
† ma = Mulher
† bra = Producção
† bil = Fraco
† re = Vila
† gal = Pastor

O' collegas decifrae
A charada sem valor
Porque o amigo «Kicai»
E' um illustre director.

Cacho.

4 Em phrase

Este homem na musica é um Ma-
rau—3=1

Dois amigos.

5 Ao insigne Tanjasno

A embarcação do Coelho tem den-
tro uma medida—2—1

Kicai.

6 Ao collega Xaves

Este fructo repare que é semen-
te—2—2

Nico I.

7 A peça de ferramenta mirava a
prisão—2—2.

KHDO.

8 Junta um titulo a uma terra por-
tugueza, e verás uma ave—1—2.

Nico I.

9 Augmentativa

Ao preclaro Cacho.

O ferimento da erlança foi feito
n'uma arvore—2.

Tanjasno.

10 Electricas

A administrar—2

Nico I.

11 Phrases e ruas

Formar um nome d'uma rua do
Porto com as letras da phrase se e
guinte:

RUD? BONITA PESSOA

KHDO.

«Mais um absurdo»

Não costumamos rectificar erros de revisão para não *carregar* a consciencia dos typographos e revisor da officina do sr. Pinto de Sousa. O artigo «Mais um absurdo» saiu, porém, com tantas incorrecções, que nos obriga a abandonar o nosso silencio e pedir, no futuro, mais misericordia. Assim, na primeira columna, linha 52, em vez de *lêr-se pensamos*, deve ser *pu-precisamos*; na 2.^a columna, linha 14, em vez de *lêr-se os seus erros*, é o sr. *Ferros*; na mesma columna, linha 21, em vez de *desinteresse*, deve ser *interesse*, etc.

Livros & Jornaes

«A Escola Pratica Commercial»

Recebemos esta interessante publicação mensal, orgão official da *Escola Pratica Commercial Raul Doria*, do Porto.

Este jornalsinho de 8 paginas, excellentemente redigido, com optima impressão e boa disposição typographica, propõe-se tratar do ensino commercial, exclusivamente, abrangendo tambem, tudo quanto se relacione com o mesmo ensino commercial, porque considera, e muito bem, que o commercio é tudo: «a riqueza, a vida, o trabalho, a gloria!»

O 1.^o n.^o, que temos presente, insere:

Galeria dos Alumnos diplomados da Escola, inserindo o retrato do ex-alumno e hoje professor da escola, sr. Ricardo Torres.

Correspondencia commercial, publicando circulares ao commercio participando a constituição de uma sociedade.

Dactylographia:—lições sobre o modo de se escrever á Machina.

Retrato do considerado medico portunense, sr. dr. João Figueirinhas.

Problemas sobre a escripturação commercial.

Resultado dos exames effectuados na Escola, durante o mez de agosto ultimo.

Boletim mensal dos alumnos matriculados no mez de outubro; e

Taboa para contagem dos dias (anno economico de 360 dias, com explicação).

E', finalmente, *A Escola Pratica Commercial*, uma revista muito util, d'estudos praticos do Commercio, Industria e Finanças, que se recommenda a todos os que se empregam no commercio e na industria.

O preço d'assignatura (pagamento adiantado) é de:

Portugal: anno, 500 réis; 6 mezes, 300 réis.

Estrangeiro: anno, 700 réis; 6 mezes, 400 réis.

Numero avulso, 50 réis.

Assigna-se na rua de Fernandes Thomaz, 422, Porto.

ECCOS

O feminismo em Inglaterra

Noticiaram os jornaes que ha dias se realizou em Londres uma reunião monstro de mulheres, na qual estas reclamaram o direito de voto. Terminado o comicio, uma comissão foi procurar o presidente do conselho de ministros, afim de lhe expôr as reivindicações exigidas pela assembléa. Sir Henri Campbell Bannerman, depois de ouvir attentamente as commissionadas, despediu-as com toda a galanteria, dizendo-lhes ironicamente «que tivessem paciencia.»

Ora é precisamente a isso que as damas inglezas não estão resolvidas, como vae ver-se. A senhora Dora Montefiore, uma das mais entusiastas defensoras do suffragio universal, apenas teve conhecimento da resposta do primeiro ministro, fechou-se em casa e quando lá lhe appareceu o cobrador dos impostos, declarou-lhe que não os pagava. Acto continuo, arvorou n'uma janella uma bandeira vermelha com letras brancas dizendo: «As mulheres devem votar as leis que cumprem e os impostos que pagam.»

Depois d'isto, Dora Montefiore não voltou a sair de casa, para não ser presa, e as auctoridades não sabem o que fazer para a obrigarem a capitular.

Os phosphatos vesuvianos

Ha males que vêem por bem, diz um velho proverbio, que tem applicação ás victimas da ultima erupção do Vesuvio.

Os sabios analysaram as cinzas expellidas pela cratera e que cobrem toda a campina vesuviana e encontraram n'ellas 1,25 p. c. de acido phosphorico combinado no estado de phosphato. Que caia no sólo assim coberto uma chuva e ficará um maravilhoso adubo sobre a terra. O Vesuvio cura elle proprio as feridas que fez. Tem-se já observado, depois das erupções preceidentes, que uma luxuriante vegetação revestia depressa os terrenos atingidos pelos effeitos do vulcão. Parece que esses terrenos phosphatados produzem delicados vinhos. Isso, sem duvida, explica a indifferença das populações napolitanas, que tornam a installar-se nos flancos do terrivel monte, indifferença que é para os «touristes» um eterno assumpto de espanto.

A rainha Alexandra tem um dos mais valiosos binoculos de theatro, que ha no mundo. E' de platina, todo incrustado com diamantes, rubis e saphyras; e diz-se que custou a enorme somma de 6:000 libras esterlinas.

Quem ao moinho vae, enfarinhado sae.

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio e m geral

BARCELLOS

Ca. mo Lus.